

Eduardo Belisário Finamore

Doutor em economia aplicada pela UFV. Professor da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade de Passo Fundo. E-mail: finamore@upf.br

Marco Antonio Montoya

Doutor em economia aplicada pela ESALQ-USP. Professor da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade de Passo Fundo. E-mail: montoya@upf.br

Endereço:

Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis, Universidade de Passo Fundo, Campus 1, Passo Fundo, RS, Bairro São José. Caixa Postal 611. CEP: 99001-970

Seção temática:

Estudos setoriais, cadeias produtivas, sistemas locais de produção

Características dos produtores de leite do RS: uma análise a partir do Corede Nordeste

Resumo

O artigo, a partir de uma perspectiva regional, tem como objetivo caracterizar os produtores da matéria-prima leite, do Corede Nordeste do Rio Grande do Sul, em suas relações com o mercado que o circunda. Para isso, programou-se, uma pesquisa de campo com uma amostra de 190 produtores de leite. Verificou-se que o produtor desta região está trabalhando na atividade há 15 anos, apresenta um grau de escolaridade baixo e o manejo é exercido em 70,83% pelas esposas, inclusive o das receitas e despesas. Observou-se que as informações de manejo e gestão dos rebanhos recebidos pelos diversos agentes do mercado não são compatíveis com a necessidade de mercado que almejam. Finalmente, conclui-se que um dos principais problemas da produção é o preço do leite e a falta de crédito rural com taxas de juros compatíveis com a atividade leiteira. Esse fato constitui-se um empecilho para acelerar ainda mais o desenvolvimento do setor.

Palavras-chaves: cadeia do leite; características do produtor; agronegócio.

1. Introdução

O conjunto de políticas nacionais de desregulamentação do mercado, de estabilização da economia e de abertura comercial, iniciadas no final da década de 1980 e consolidadas nos anos 2000, fez com que a cadeia láctea brasileira passasse, por mudanças estruturais profundas uma vez que essas políticas promoveram no setor: aumento significativo da produção; concentração industrial com implicações nas cooperativas regionais; redução do número de produtores do mercado formal, principalmente pequenos produtores; preços diferenciados para os produtores; resfriamento do leite na propriedade e ampliação da coleta do leite a granel como estratégia para melhorar a qualidade do produto; crescimento do leite longa vida e, com ele, a dependência do mercado não-concorrencial, da indústria de embalagens; maior participação do supermercado na distribuição do leite, e com isso, maior dependência do mercado imperfeito com grande poder de influência no preço e nas condições de pagamento; maior influência das

importações no mercado doméstico de lácteos e aumento da concorrência em toda a cadeia de lácteos.

As mudanças estruturais na cadeia lácteos assinalam ganhos de produtividade na produção de leite natural em razão do maior grau de articulação com a indústria processadora. Não em poucos casos, os níveis de articulação chegam a uma integração vertical total, já que, por um lado, a indústria láctea se integra para trás, controlando e coordenando a produção de leite natural e, por outro, os produtores de leite avançam para frente e industrializam sua produção, ou ambos os processos simultaneamente. Isto indica uma dinâmica conjunta da produção agropecuária com as agroindústrias e, em decorrência, com os agrosserviços.

Nesse contexto, a cadeia láctea gaúcha apresenta-se como grande produtora nacional e seu nível de competitividade a situam entre as mais eficientes do País. Ela responde por pouco mais de 7% do PIB do agronegócio do Rio Grande do Sul, está fortemente vinculada ao setor urbano, detém processos produtivos modernos e seu desempenho, dados os fortes encadeamentos com o setor urbano, são fundamentais como setor-chave para o desenvolvimento econômico do Estado.

Frente a esses fatos, a fim de compreender melhor os agentes econômicos que envolvem as atividades do setor, o artigo, a partir de uma perspectiva regional de Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes), tem como objetivo caracterizar os produtores da matéria-prima leite, do Corede Nordeste do Rio Grande do Sul, em suas relações com o mercado que o circunda.

Nesse sentido, o artigo está dividido da seguinte maneira: a seção dois apresenta, de forma sucinta, a metodologia e a base de dados utilizados; a seção três caracteriza o perfil do produtor de leite e avalia a expectativa de sucessão dos filhos na propriedade; a seção quatro analisa aspectos do mercado sobre a expectativa de preços, qualidade do leite, fontes de financiamento e fontes de informação ofertadas e demandadas; e, finalmente, as principais conclusões obtidas no decorrer das análises são apresentadas na última seção.

2. Metodologia

Com o objetivo de estabelecer um perfil do segmento de produtores da cadeia leiteira do Corede Nordeste foram coletados dados, em pesquisa de campo, de uma amostra de 190 produtores de leite. A amostra cobriu todos os municípios que produzem mais de 2% da produção de leite nesta região, segundo dados da Pesquisa da Pecuária

Municipal do IBGE. A amostra foi distribuída de acordo com a participação relativa de cada município na produção do Corede Nordeste, conforme a Tabela 1.

Tabela 1: Plano amostral da pesquisa no Corede Nordeste

Cidade	Leite (mil litros)	Participação relativa na produção de leite	Distribuição da Amostra
Lagoa Vermelha - RS	16.424	15,63%	30
Sananduva - RS	10.845	10,32%	20
Tapejara - RS	10.699	10,18%	19
Ibiraiaras - RS	9.231	8,78%	17
São José do Ouro - RS	7.093	6,75%	13
Ibiaçá - RS	6.005	5,71%	11
Água Santa - RS	5.608	5,34%	10
Paim Filho - RS	5.569	5,30%	10
Vila Lângaro - RS	5.431	5,17%	10
Santa Cecília do Sul - RS	5.343	5,08%	10
Cacique Doble - RS	4.876	4,64%	9
São João da Urtiga - RS	4.795	4,56%	9
Maximiliano de Almeida - RS	4.455	4,24%	8
Barracão - RS	3.834	3,65%	7
Machadinho - RS	3.181	3,03%	6
Muitos Capões - RS	1.690	1,61%	3
Total	105.079	100,00%	190

Fonte: Dados da pesquisa

A seguir, com base em informações do Ministério da Agricultura, da Embrapa e do Consete do Rio Grande do Sul, foram definidos dois sistemas de produção: sistema semiconfinado e sistema a pasto. Para cada sistema de produção foram estabelecidos três estratos de produção. Os resultados desses procedimentos para a distribuição final da amostra são apresentados nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2: Participação por estratos de produção no total de leite produzido, segundo o sistema semiconfinado e sistema a pasto.

Estrato	Semiconfinado	A pasto	Total
Até 100	20,58%	18,43%	39,02%
De 100 a 200	15,15%	11,73%	26,88%
+ de 200	21,15%	12,95%	34,10%
Total	56,89%	43,11%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 3: Distribuição dos questionários da amostra por estratos de produção, segundo o sistema semiconfinado e sistema a pasto.

Estrato	Semiconfinado	A pasto	Total
Até 100	39,00	35,00	74,00
De 100 a 200	29,00	22,00	51,00
+ de 200	40,00	25,00	65,00
Total	108,00	82,00	190,00

Fonte: Dados da pesquisa

A aplicação dos questionários aos produtores foi feita no período de junho de 2006 a janeiro de 2007. Os dados levantados referem-se ao ano de 2006. Os questionários foram aplicados por um entrevistador devidamente treinado e os produtores foram entrevistados em suas propriedades, de modo que o entrevistador pudesse avaliar as respostas dadas.

2.1 Sistemas de produção representativos

A seguir apresenta-se a definição dos sistemas de produção representativos dos produtores. Isto é, partiu-se da produtividade para classificar os sistemas de leite segundo o nível tecnológico utilizado.

Sistema de Produção Semiconfinado

Entende-se por sistema semiconfinado aquele no qual os animais ficam confinados com disponibilidade de alimentos e água e, em determinados momentos do dia, são levados a pasto, dependendo do sistema de manejo adotado. A alimentação básica é silagem de milho, sorgo e feno de boa qualidade, pré-secados de aveia e azevém e os concentrados são farelos e grãos. No sistema semiconfinado, o pastoreio é rotativo, em pequenas áreas, com uso de cerca elétrica, ou divisórias fixas, e o pastejo é realizado de 1 a 2 dias em cada área ou piquete. A alimentação é administrada em cochos, sendo à base de fenos, silagens, resíduos de colheitas, subprodutos agroindustriais (como melaço) e alimentos balanceados.

Sistema de Produção a Pasto

Já o sistema a pasto é aquele em que mais de 50% da matéria seca da dieta do animal vêm do pastejo. Esse sistema caracteriza-se pelo uso de suplementação, ou não, de forragens, conservadas, tais como silagem, feno, pré-secado e concentrado. Como no

sistema semiconfinado, os animais ficam em pastoreio rotativo em piquetes com divisórias permanentes ou cercados eletrificados. No entanto, para produções entre 12 e 15 kg de leite por vaca/dia em pastagens tropicais, é necessário suplementar os animais com forragens conservadas de alto valor nutritivo e compostas de concentrados protéicos e energéticos. A produção de leite a pasto necessita de menos mão-de-obra, equipamentos e máquinas.

3. O perfil do produtor de leite e sua expectativa de sucessão na propriedade

Conforme a Tabela 4, o produtor de leite do Corede Nordeste, tem idade média de 48,34 anos (próxima da idade de produtores de outros estados tradicionais na produção de leite, como Minas Gerais, que é de 50 anos).

Tabela 4: Perfil do produtor de leite do Corede Nordeste

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Idade do produtor (anos)	45,27	50,04	48,10	48,56	48,34
Tempo em que é produtor de leite (anos)	14,4	15,2	16,1	14,5	15,1
Escolaridade do produtor (anos de escola)	4,32	4,55	4,81	5,80	4,92
Frequência em que à esposa executa ordenha, registro de despesas e receitas e administração da propriedade rural	76,92%	71,74%	70,00%	68,33%	70,83%
Percentual de tempo destinado à pecuária de leite	22,76%	28,44%	30,23%	32,55%	29,57%
Controles informatizados na propriedade	0,00%	2,13%	1,64%	4,69%	2,53%
Propriedades que fazem registros de despesas e receitas com gado de leite	38,46%	57,45%	52,46%	54,69%	52,53%
Propriedades que registram metas de produção de leite	100,00%	66,67%	72,73%	66,67%	70,00%
Propriedades que registram metas de produtividade do leite	0,00%	33,33%	27,27%	33,33%	30,00%
Atividade mais importante na propriedade que existe produção de leite do ponto de vista econômico (pecuária de leite)	53,85%	74,47%	85,25%	84,38%	78,28%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Em média, o produtor desta região está trabalhando na atividade há 15,1 anos. O elevado capital investido, de baixa liquidez, imobiliza o produtor na atividade leiteira,

razão por que ele permanece nela por tantos anos. A escolaridade média é de 4,92 anos, variando de 4,32 anos, no estrato até 50 litros/dia, a 5,80 anos, no de mais de 200 litros/dia. Ou seja, a escolaridade em todos os estratos é baixa, o que dificulta ainda mais o processo de inovação tecnológica.

Verifica-se também na participação média que as esposas em 70,83% dos casos executam na produção de leite, a ordenha, o manejo do rebanho e o controle de receitas e despesas são observados. A elevada frequência do trabalho da esposa na produção de leite contribui para reduzir ainda mais o custo de produção, visto que o custo de oportunidade dessa mão-de-obra é próximo de zero.

A distribuição do tempo do administrador dá uma boa idéia da importância relativa das atividades na propriedade. No estrato até 50 litros/dia, 22,76% do tempo do administrador é dedicado à pecuária de leite. No outro extremo, no estrato de mais de 200 litros/dia, 32,55% do tempo do administrador é dedicado à pecuária de leite. O que se observa é que a dedicação às atividades da propriedade agrícola é similar entre os estratos onde a produção de leite é relativamente mais importante, de maior produção, e menos importante para o de menor produção. Apesar de dedicarem a maior parte do tempo em outras atividades, do ponto de vista econômico, em média, 78,28% dos entrevistados afirmaram que, dentre as atividades agrícolas que realizam, a pecuária de leite é a mais importante.

Um dos parâmetros para se avaliar a qualidade da administração de uma empresa diz respeito aos controles por meio de registros apropriados. No caso da produção de leite, controles zootécnicos e financeiros. Os resultados da Tabela 4 indicam que, em média, apenas 2,53% dos entrevistados possuem controles informatizados, sendo que a maioria mantém registros escritos de forma manual. As anotações de receitas e despesas com o gado de leite são feitas, em média, por apenas 52,53% das propriedades entrevistadas, revelando um baixo grau de profissionalismo. Por outro lado, dos produtores que estabeleciam metas, em média, 70% deles focavam a produção de leite e 30% a produtividade. Nenhum produtor citou como meta as variáveis de receita, despesas e qualidade. Observa-se que quanto maior a produção de leite maior foram as preocupações com metas de produtividade.

A seguir, a Tabela 5 mostra que quando questionado sobre a sucessão na gestão da atividade leiteira, 58,08% dos produtores, em média, acreditam que os filhos continuarão com o gado de leite, 23,74% acham que os filhos deixarão o meio rural migrando para a cidade e 3,03% traçarão de atividade e/ou venderão a propriedade. Cabe salientar, que no

estrato até 50 litros encontra-se o percentual maior de indivíduos, 38,36%, que deixarão o meio rural. Nesse estrato também se verifica que somente 34,62% dos filhos continuaram com o gado de leite e 7,69% traçarão de atividade e/ou venderão a propriedade. Em síntese, as informações sugerem que quanto menor a escala de produção de leite menor a rentabilidade e, portanto, o processo de sucessão mais incerto.

Tabela 5: Opinião sobre a sucessão na atividade de leite na propriedade

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Filhos continuarão com o gado de leite	34,62%	57,45%	62,30%	64,06%	58,08%
Filhos trocarão de atividade rural	7,69%	4,26%	3,28%	0,00%	3,03%
Filhos deixarão o meio rural	38,46%	21,28%	26,23%	17,19%	23,74%
Filhos venderão a propriedade	7,69%	4,26%	1,64%	1,56%	3,03%
Não sabem dizer	7,69%	10,64%	0,00%	10,94%	7,07%
Não tem filhos	3,85%	2,13%	6,56%	6,25%	5,05%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

4. Relações do produtor com o mercado.

Ao examinar os dados da Tabela 6, verifica-se que 62,63% dos entrevistados, em média, concordavam com um sistema de pagamento de leite-padrão mais bonificação por volume. O grau de concordância com esta regra é maior quanto maior o estrato de produção de leite. 53,85% dos produtores de até 50 litros/dia não concordavam com o pagamento por volume. A grande frequência de produtores que não concordavam com tal sistema de pagamento é decorrente da elevada sazonalidade de produção, o que se observará mais adiante. Entretanto, o produtor do Corede Nordeste deve tomar conhecimento da tendência estadual de pagamentos por produção e deve ajustar seu sistema de produção a essa tendência.

O pagamento de bonificação por qualidade obteve, em média, aprovação de 96,46% dos entrevistados, opinião homogênea em todos os estratos. Para o pagamento de preço diferenciado por qualidade do leite, os indicadores mais frequentes são contagem de célula

somática e contagem bacteriana total. A aplicação desses critérios ainda não está generalizada e uma das justificativas é a dificuldade laboratorial na realização dos testes. Todavia, a prática de pagamento pela qualidade deve ser abrangente nos próximos anos, já que esta é uma exigência do mercado. As indústrias, para obterem vantagens na competição com seus concorrentes, procuram diferenciar seus produtos, razão por que a qualidade da matéria-prima é essencial.

Tabela 6: Opiniões dos entrevistados sobre pagamento do leite-padrão

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Concorda o pagamento do leite-padrão, mais bonificação por volume	46,15%	36,17%	70,49%	81,25%	62,63%
Concorda o pagamento do leite-padrão, mais bonificação por qualidade	96,15%	97,87%	98,36%	93,75%	96,46%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 7: Utilização de crédito rural, fontes e tipos de financiamento.

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Propriedade que utiliza crédito rural	73,08%	74,47%	86,89%	65,63%	75,25%
Fonte de cooperativa de crédito	42,11%	44,12%	43,14%	40,48%	42,47%
Fonte de bancos	57,89%	55,88%	47,06%	52,38%	52,05%
Fonte ambos	0,00%	0,00%	9,80%	7,14%	5,48%
Financiamento de custeio	73,68%	60,00%	45,28%	47,62%	53,02%
Financiamento de investimento	15,79%	14,29%	22,64%	30,95%	22,15%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Deve-se registrar que a adoção da bonificação pela qualidade depende, exclusivamente, da indústria de laticínios, pois o produtor tem pouco poder de influenciar na adoção desse e de outros critérios de pagamento do leite. Embora a maioria concorde com o pagamento por qualidade é provável que a contagem bacteriana total seja elevada, o que implicará penalizações ao produtor, quando o critério de pagamento por qualidade for praticado. Alguns produtores alegam que produzem com qualidade, mas o leite é misturado

no caminhão com leite de baixa qualidade. O resfriamento do leite na propriedade é condição necessária, porém não suficiente, para assegurar a qualidade do leite.

Quanto ao crédito rural, 75,25% dos entrevistados, em média, responderam que o utilizaram em suas propriedades, conforme Tabela 7. Os produtores com maior nível de utilização de crédito (86,89%) são aqueles com produção entre 100 e 200 litros/dia. Em média a principal fonte de crédito dos produtores é oriunda dos bancos comerciais (52,02%) e cooperativas de crédito (42,47%), sendo que o destino principal desse crédito é para custeio (53,02%), seguido pelos investimentos (22,15%).

4.1 Opiniões do entrevistado sobre produção de leite

Os dados da Tabela 8 mostram que, quando questionados sobre as razões que os levam a produzir leite, 68,18% dos entrevistados, em média, afirmam que se deve à renda mensal; 24,75%, em média, porque é um negócio lucrativo; 6,06%, em média, porque o leite combina bem com outras explorações da propriedade e, 1,01%, em média, por empregar a família.

Tabela 8: Razão do entrevistado para produzir leite, segundo estratos de produção.

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Tem renda mensal	73,08%	72,34%	68,85%	62,50%	68,18%
É um negócio lucrativo	26,92%	21,28%	22,95%	28,13%	24,75%
Combina com outras explorações na propriedade	0,00%	6,38%	8,20%	6,25%	6,06%
Emprega a família	0,00%	0,00%	0,00%	3,13%	1,01%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Um aspecto da opinião do produtor sobre a produção de leite diz respeito à relação entre risco e rendimento. Uma regra básica do mercado financeiro, que pode ser expandida para outros mercados, indica que o elevado rendimento está associado a elevado risco e baixo rendimento, a baixo risco. A produção de leite é considerada uma atividade de baixo risco, razão por que atrai muitos produtores, mesmo que não seja considerado um negócio lucrativo pela maioria dos entrevistados.

Os dados da Tabela 9 indicam que quando perguntados sobre o que pretendem nos próximos anos com a produção de leite, as respostas mais citadas são a de melhorar a tecnologia e aumentar a produção, para a média de 58,59% dos entrevistados, e continuar como está, para 37,88%, em média. Apenas 3,54%, em média, responderam que pretendem abandonar a atividade. A aparente contradição entre a baixa lucratividade e aumento da produção pode ser explicada pela importância do baixo risco da produção de leite e pela percepção de ganhar mais com o aumento da escala de produção.

Tabela 9: Frequência com que os entrevistados pretendem, nos próximos anos, produzir leite, segundo estratos de produção

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				Média
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	
Melhorar tecnologia e aumentar a produção	65,38%	57,45%	54,10%	60,94%	58,59%
Continuar como está	26,92%	42,55%	40,98%	35,94%	37,88%
Abandonar a atividade	7,69%	0,00%	4,92%	3,13%	3,54%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 10: Opinião sobre o principal problema relativo à produção e preço do leite.

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				Média
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	
Falta de crédito rural, com taxas de juros compatíveis com a atividade.	72,73%	63,04%	50,82%	44,07%	54,26%
Deficiência de informações técnicas sobre a produção de leite	13,64%	15,22%	22,95%	32,20%	22,87%
Deficiência de informações de mercado	9,09%	17,39%	21,31%	15,25%	17,02%
Deficiência na qualificação da mão de obra	0,00%	2,17%	3,28%	6,78%	3,72%
Legislação ambiental	4,55%	2,17%	1,64%	1,69%	2,13%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Na Tabela 10 observa-se, que na questão sobre o principal problema da produção de leite (excluído o preço do leite que não entrou na lista das alternativas), a maior frequência média de citação, de 54,26% dos entrevistados, é a falta de crédito rural com taxas de juros compatíveis com a atividade leiteira. Seguem-se a deficiência de informações técnicas, com 22,87%, e a deficiência de informação de mercado, com

17,02%, dos entrevistados. A deficiência de qualificação da mão-de-obra e problemas de legislação ambiental foi citada por 3,72% 2,13% dos entrevistados respectivamente.

Questionados sobre o conteúdo das informações os entrevistados responderam que as três principais são em média: manejo do rebanho (24,32%), seguido por gerenciamento da produção (19,46%) e por alimentação do rebanho (17,84%), como pode ser visto na Tabela 11.

Tabela 11: Principal fonte de informação recebida sobre a produção de leite

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Manejo do rebanho	29,17%	30,23%	15,52%	26,67%	24,32%
Gerenciamento da produção	29,17%	18,60%	20,69%	15,00%	19,46%
Alimentação do rebanho	20,83%	13,95%	13,79%	23,33%	17,84%
Qualidade do leite	12,50%	9,30%	17,24%	5,00%	10,81%
Melhoramento genético	4,17%	9,30%	12,07%	11,67%	10,27%
Produção de leite e meio ambiente	4,17%	6,98%	8,62%	10,00%	8,11%
Sanidade do rebanho	0,00%	11,63%	12,07%	3,33%	7,57%
Outros	0,00%	0,00%	0,00%	5,00%	1,62%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 12: Principal informação que o produtor tem mais carência

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Manejo do rebanho	18,18%	44,44%	23,73%	26,23%	28,88%
Mercado de leite	22,73%	24,44%	18,64%	16,39%	19,79%
Planejamento da empresa rural	40,91%	6,67%	18,64%	11,48%	16,04%
Cálculo do custo de produção	4,55%	11,11%	16,95%	18,03%	14,44%
Alimentação de rebanho	13,64%	0,00%	10,17%	14,75%	9,63%
Qualidade do leite	0,00%	6,67%	6,78%	4,92%	5,35%
Melhoramento genético	0,00%	6,67%	3,39%	1,64%	3,21%
Sanidade do rebanho	0,00%	0,00%	1,69%	3,28%	1,60%
Produção de leite e meio ambiente	0,00%	0,00%	0,00%	3,28%	1,07%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Ao serem questionados sobre o conteúdo das informações acerca da produção de leite que julgam ter mais carência (Tabela 12) os produtores responderam, em ordem de importância que, em média são: manejo do rebanho (28,88%), mercado do leite (19,79%), planejamento da empresa rural (16,04%) e cálculo do custo de produção do leite (14,44%).

Ao cruzar os dados da Tabela 11, que tratam do conteúdo das informações ofertadas, com os da Tabela 12, que tratam do conteúdo das informações demandadas, verifica-se que a oferta está concentrada nas questões tecnológicas e a demanda, nas financeiras. A Tabela 11 mostra que 19,46% da média dos entrevistados afirmaram que as informações recebidas pelos produtores foram sobre gerenciamento da produção. Já a Tabela 12 mostra que informações sobre o mercado de leite, planejamento da empresa rural e cálculo do custo de produção são considerados escassos por 50,27% da média dos entrevistados.

O ideal seria um balanceamento da oferta, com questões tecnológicas e outras financeiras. Aliás, o produtor só será beneficiado com informação do tipo planejamento da empresa rural, custo de produção e funcionamento do mercado se, antes disto, receber informações objetivas e apropriadas sobre a tecnologia do sistema de produção de leite. O técnico, para ter competência sobre assuntos econômicos, deve, antes, dominar as questões tecnológicas.

Na Tabela 13 observa-se que, em média, para 78,28% dos entrevistados as qualidades das informações que recebem são classificadas como boas e para 21,72% são regulares.

Tabela 13: Julgamento sobre a qualidade das informações que recebe

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				Média
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	
Boas	92,31%	70,21%	81,97%	75,00%	78,28%
Regular	7,69%	29,79%	18,03%	25,00%	21,72%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Conforme a Tabela 14, ao serem questionados sobre os efeitos da capacitação da mão de obra na atividade leiteira, 41,41% deles, em média, disseram que contribui para melhorar a rentabilidade da produção de leite e 14,65%, em média, disseram que contribui para aumentar a produtividade do rebanho (litros/vaca).

Interessante observar que para a média de 28,79% dos entrevistados a capacitação de mão de obra não contribuiu para mudanças significativas na produção de leite.

Tabela 14: Avaliação dos efeitos da capacitação da mão de obra

Especificação	Estratos produção de leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Contribui para melhorar a rentabilidade da produção de leite	42,31%	27,66%	39,34%	53,13%	41,41%
Não contribuiu para mudanças significativas na produção de leite	30,77%	34,04%	26,23%	26,56%	28,79%
Contribui para aumentar a produtividade do rebanho (litros/vaca)	15,38%	17,02%	16,39%	10,94%	14,65%
Contribui para melhorar a qualidade da mão de obra	3,85%	8,51%	8,20%	4,69%	6,57%
Contribui para melhorar a qualidade do leite	7,69%	12,77%	9,84%	4,69%	8,59%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

5. Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi de caracterizar o segmento de produtores de leite do Corede Nordeste. Verificou-se que o produtor desta região tem idade média de 48,34 anos, próxima da idade de produtores de outros estados tradicionais no setor. Em média, o produtor desta região está trabalhando na atividade há 15 anos. A escolaridade média é de 4,92 anos, o que dificulta ainda mais o processo de inovação tecnológica.

Verifica-se que as esposa em 70,83% dos casos executa na produção de leite, a ordenha, o manejo do rebanho e o controle de receitas e despesas, o que por sua vez, contribui para reduzir o custo de produção, visto que o custo de oportunidade dessa mão-de-obra é próximo de zero.

Apesar dos produtores dedicarem a maior parte do seu tempo em outras atividades, do ponto de vista econômico, em média, 78,28% dos entrevistados afirmaram que, dentre as atividades agrícolas que realizam, a pecuária de leite é a mais importante.

Ao avaliar a qualidade da administração verificou-se, em média, apenas 2,53% dos entrevistados possuem controles informatizados e as anotações de receitas e despesas com o gado de leite são feitas, em média, por apenas 52,53% das propriedades entrevistadas.

Quanto à sucessão na gestão da atividade leiteira, 58,08% dos produtores, em média, acreditam que os filhos continuarão com o gado de leite, 23,74% acham que os filhos deixarão o meio rural migrando para a cidade e 3,03% traçarão de atividade e/ou venderão a propriedade. Em conjunto, as informações sugerem que quanto menor a escala de produção de leite menor a rentabilidade e, portanto, o processo de sucessão mais inserto.

As relações do produtor com o mercado mostraram que 62,63% dos entrevistados, em média, concordavam com um sistema de pagamento de leite-padrão mais bonificação por volume. O grau de concordância com esta regra é maior quanto maior o estrato de produção de leite. O pagamento de bonificação por qualidade obteve, em média, aprovação de 96,46% dos entrevistados, opinião homogênea em todos os estratos. A aplicação desses critérios ainda não está generalizada e uma das justificativas é a dificuldade laboratorial na realização dos testes. Deve-se registrar que a adoção da bonificação pela qualidade depende, exclusivamente, da indústria de laticínios, pois o produtor tem pouco poder de influenciar na adoção desse e de outros critérios de pagamento do leite. Embora a maioria concorde com o pagamento por qualidade é provável que a contagem bacteriana total seja elevada, o que implicará penalizações ao produtor, quando o critério de pagamento por qualidade for praticado. Alguns produtores alegam que produzem com qualidade, mas o leite é misturado no caminhão com leite de baixa qualidade. O resfriamento do leite na propriedade é condição necessária, porém não suficiente, para assegurar a qualidade do leite.

Quanto ao crédito rural, 75,25% dos entrevistados, em média, responderam que o utilizaram em suas propriedades. A principal fonte de crédito dos produtores é oriunda dos bancos comerciais e cooperativas de crédito, sendo que o destino principal desse crédito é para custeio (53,02%), seguido pelos investimentos (22,15%).

Questionados sobre as razões que os levam a produzir leite, 68,18% dos entrevistados, afirmam que se deve à renda mensal; 24,75% porque é um negócio lucrativo; 6,06% porque o leite combina bem com outras explorações da propriedade e, 1,01%, em média, por empregar a família. Nesse contexto, a produção de leite é considerada uma atividade de baixo risco, razão por que atrai muitos produtores, mesmo que não seja considerado um negócio lucrativo pela maioria dos entrevistados.

Quando perguntados sobre o que pretende fazer nos próximos anos com a produção de leite, as respostas mais citadas são a de melhorar a tecnologia e aumentar a produção.

Sobre o principal problema da produção de leite, excluído o preço do leite que não entrou na lista das alternativas, foi à falta de crédito rural com taxas de juros compatíveis com a atividade leiteira. Seguem-se a deficiência de informações técnicas e a deficiência de informação de mercado. A deficiência de qualificação da mão-de-obra e problemas de legislação ambiental foi citada com menor intensidade.

A avaliação do conteúdo das informações ofertadas por diversos órgãos privados ou públicos do setor, com os conteúdos das informações demandadas pelos produtores, verifica-se que a oferta está concentrada nas questões tecnológicas e a demanda dos produtores, nas questões financeiras. O ideal seria um balanceamento da oferta, com questões tecnológicas e outras financeiras. Aliás, o produtor só será beneficiado com informação do tipo planejamento da empresa rural, custo de produção e funcionamento do mercado se, antes disto, receber informações objetivas e apropriadas sobre a tecnologia do sistema de produção de leite.

Em síntese, pode-se afirmar que a principal contribuição dos indicadores analisados neste artigo permite visualizar as características dos produtores de leite do Corede Nordeste, compreender sua interdependência com os agentes do mercado em que atua e, portanto, para a política setorial critérios adequados para a tomada de decisões.

6. Referencia Bibliográfica

FINAMORE, E. B. & MONTOYA, M. A. Estrutura produtiva da cadeia láctea gaúcha: perspectiva regional do Corede Nordeste. Passo Fundo – RS: Editora UPF. 2008, p.152.

GOMES, S. T. **O agronegócio do leite**. Belo Horizonte: Ocemg, Senar, 2006.

GOMES, S. T. **Diagnóstico da pecuária leiteira do estado de Minas Gerais em 2005**: Belo Horizonte: Ocemg, Senar, 2006.

JANK, M. A. et al. Competitividade do sistema agroindustrial do leite. São Paulo: Cepea, USP, 2000.

MONTOYA, M. A. & FINAMORE, E. B. Evolução do PIB do agronegócio brasileiro de 1959 a 1995: uma estimativa na ótica do valor adicionado. **Revista Teoria e Evidencia Econômica (UPF)**. Passo Fundo – RS: UPF editora, v 9 , n. 16, p. 9-24, maio de 1991.

MONTOYA, M. A. & GUILHOTO, J. J. M. O agronegócio brasileiro entre 1959 e 1995: dimensão econômica, mudança estrutural e tendências. In: Montoya, M. A., Parré, J. L. (Eds.) **O agronegócio brasileiro no final do século XX**. Passo Fundo – RS: Ediupf, p. 3 – 32, 2000.

MONTOYA, M. A. et. Al (Org.) **O agronegócio brasileiro e dos Estados da Região SUL: dimensão econômica e tendências estruturais**. Passo Fundo – RS: UPF editora, 2002, p.95.

MONTOYA, M. A. et. al., O agronegócio nos estados da região sul no período de 1985 a 1995. **Revista Economia Aplicada (USP)**, v. 5, n. 1, p.99-127, jan./mar. 2001.